

Comunicação e modernidade: O Impasse antinômico e as possibilidades da polifonia

MARIA CERES PIMENTA SPÍNOLA CASTRO *

Reflexão sobre o campo teórico da Comunicação Social — utilizando o conceito de “matriz disciplinar” derivado das formulações de Thomas KUHN — buscando identificar o que se denominaria a “matriz antinômica” dos estudos sobre a Comunicação. Sem se submeter inteiramente ao quadro normativo Khuniano, intenta-se pensar outras maneiras de trabalhar a Comunicação, escapando do impasse teórico produzido pelas antinomias identificadas.

Tá lá o corpo estendido no chão
Em vez de rosto uma foto de um gol.
Em vez de reza uma praga de alguém.
E um silêncio servindo de amém.

ALDIR BLANC.

Introdução

“Quem não comunica se trumbica”. As palavras do velho animador de programas de rádio e de televisão ecoaram no início da década de 70, como um arauto

* Professora do Deptº de Comunicação Social da FAFICH/UFMG.

dos novos tempos que se anunciavam no panorama cultural do País. O dito — quase profético — era indicativo de que na área da comunicação de massas, o Brasil havia, definitivamente, se modernizado. Não sem razão, grupos de jovens artistas alçaram o animador — e o **design** do seu programa de televisão — à condição de emblema da nova ordem comunicativa. Afinal, popularesco, irreverente, de visual exuberante e com altos índices de audiência, Chacrinha e seu programa eram bastante representativos das características que passaram a marcar a prática dos meios de comunicação massiva no Brasil.

Obviamente, o que emergia no país, àquela época, era um fenômeno já banal nas sociedades européia e americana. Ali, suas origens remontavam ao século XIX com a expansão da imprensa, tendo se desenvolvido com o advento do rádio e se consolidado, adquirindo suas características atuais, com o surgimento da televisão.

No Brasil, o processo de desenvolvimento dos meios massivos é bastante incipiente até 1940; alcança um grande impulso com o incremento do rádio comercial nas décadas de 40 e 50; finalmente, se consolida nos anos 70, como um amplo, moderno e integrado sistema de comunicação, claramente ancorado no mercado.

O que nos chama atenção no caso — sendo esta uma outra faceta do bordão cunhado por Chacrinha — é que a emergência desse moderno sistema de comunicação se faz acompanhar, no plano internacional e no nacional, pelo aparecimento de um conjunto de estudos e pesquisas que tentam analisar o novo fenômeno e dar conta das questões por ele suscitadas. Assim, pode-se assinalar que a presença dos modernos meios massivos indica também o aparecimento de um veio de reflexões e de produção teórica, até então inexistente, já que também estava ausente do panorama social, o próprio

objeto de investigação que suporta tal produção. Torna-se, portanto, necessário destacar que, se no plano social, o dito do animador de televisão anunciava o aparecimento de um novo fenômeno, essa novidade ensejava também novos temas de estudos para os intelectuais que se preocupam com a compreensão e a análise dos fenômenos sociais.

Essa dupla emergência se desdobra por sua vez, em duas outras dimensões — distintas, ainda que interligadas — da questão. Por um lado, ocorre o desenvolvimento de uma complexa e intrincada rede de ocupações e de atividades destinadas a assegurar a produção do sistema comunicativo e possibilitar a veiculação dessa produção. Nesse sentido, reorganizam-se antigas atividades, ampliando-se e intensificando a especialização necessária para o seu desempenho e de outras que surgem no decorrer do processo, configurando um enorme contingente de pessoas ocupadas nas mais diferentes funções, na produção e veiculação das mensagens dos meios massivos. Profissionais distintos, altamente heterogêneos, em termos de formação, qualificação e renda, mas que se articulam pela relação que a atividade que desenvolvem tem com os meios de comunicação e com o sistema de produção e veiculação de mensagem para o grande público. Este contingente, formado por indivíduos perdidos no anonimato da produção em escala apresenta, entretanto, algumas figuras que se destacam, passando a ser emblemáticas da nova ordem de produção comunicativa, e portadoras do brilho, prestígio, fama e poder que lhes empresta o próprio sistema. O destaque, obtido por alguns dos comunicadores certamente resulta de vários elementos. Sem desprezar o traço de genialidade individual que certamente alguns dos produtores/animadores apresentam, um dos elementos mais importantes se refere à posição ocupada na estrutura pro-

dutiva dos meios em termos da maior ou menor visibilidade pública que ela possibilita. Entretanto, qualquer que seja o elemento, ou conjunto de elementos que cria a condição para o indivíduo se destacar da multidão de anônimos profissionais da comunicação o certo é que, ao se distinguir, ele adquire um papel na função que desempenha: o de fornecer modelos para a ação comunicativa, tornando-se um **exemplar** de atuação na função que executa. Nesse sentido, tem-se ao nível da própria prática comunicativa algo como uma "autoria paradigmática" que fornece indicação, normas, regras para atividade à qual o "autor" se refere, tornando-se referência obrigatória — ainda que negativa — dos demais "autores" (ou candidatos a) naquela área.

Por outro lado, um outro grupo de indivíduos também passa a se articular em torno dos meios de comunicação, não como integrante de sua estrutura produtiva ou mesmo do sistema de veiculação, mas como membros da comunidade que se dedica a estudar o conjunto dos meios de comunicação e que se encarrega de formar o contingente de profissionais destinados a produzir as mensagens de tais meios. Esse grupo de pessoas, infinitamente menor do que o primeiro, dele também se diferencia pela sua composição. Menos heterogêneo em termos de formação, essa comunidade de pesquisadores/docentes tem também suas "estrelas" que se destacam do conjunto de seus membros não pela "exemplaridade" de sua atuação nos MCM, (meios de comunicação de massa), ou seu desempenho acadêmico, mas pela produção teórica que resulta de suas pesquisas e estudos sobre os MCM. Nesses casos, é a reflexão e a produção teórica que acabam prevalecendo, sendo a "autoria" o elemento que — como de resto em qualquer outra comunidade acadêmica — se torna capaz designar e distinguir "escolas" de pensamento sobre a temática em questão.

Assim, a partir da emergência do moderno sistema de comunicação, seria possível distinguir — e trabalhar de forma interligada ou não — dois conjuntos sociais que se ocupam, ainda que com atividades e objetivos inteiramente distintos, dessa produção. Em ambos os casos será possível trabalhar com o esquema kuhniano de “revolução científica” e “ciência normal”¹ desvelando as formas através das quais a prática dos meios, ou a produção teórica sobre eles, se desenvolve, cresce e avança. Obviamente, é possível recortar empiricamente essas duas comunidades e analisá-las enquanto materialização da matriz disciplinar que informa e conforma a “performance” do comunicador e o “pensamento” sobre a comunicação no mundo moderno. Entretanto, não é essa opção que fizemos ao elaborar este trabalho.

Assim, com a ressalva de que a produção comunicativa e a produção teórica sobre a comunicação circunscrevem comunidades (ou sub-comunidades) específicas cujas características próprias (composição, qualificação dos membros, hierarquia ocupacional, prestígio, etc) impõem determinados traços aos seus produtos, funcionando como uma matriz socializadora de certos modos de “ver” e de “fazer” a comunicação, o que pretendemos neste trabalho é verificar de que maneira se construiu a produção teórica sobre os MCM e quais os seus traços paradigmáticos. Sem a pretensão de esgotar o tema, objetivamos apenas traçar um panorama das principais linhas presentes no pensamento sobre a comu-

1. Para Kuhn, “ciência normal” significa a pesquisa firmemente baseada em uma ou mais realizações científicas passadas. Essas realizações são reconhecidas durante algum tempo por alguma comunidade científica como proporcionando os fundamentos para sua prática posterior”.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975. p. 29. — Sobre a noção de “revolução científica” são especialmente interessantes os capítulos 8 e 9 do livro citado.

nicação massiva e de fornecer alguns indicadores sobre como tais linhas configuram "paradigmas" que acabam por articular uma nova "matriz disciplinar" nos estudos dos MCM. Finalmente, pretendemos indicar como essa nova articulação tem influenciado a nossa compreensão do fenômeno comunicativo moderno e quais os impasses que estamos enfrentando na busca de caminhos que viabilizem uma contribuição mais efetiva ao desenvolvimento dessa área de estudos. Em outras palavras, o foco privilegiado neste trabalho é a produção de conhecimentos **sobre** a comunicação, produção essa que se efetiva numa comunidade acadêmica específica e singular que impõe, a partir dessa singularidade, determinadas características à sua produção, resultando em caminhos mais ou menos frutíferos para a compreensão dos MCM e de sua relações com a sociedade.

Para tanto, pretendemos adotar as noções de "paradigma" e de "matriz disciplinar"², formuladas por Kuhn. Consideramos que o instrumental decorrente de tal con-

-
2. A noção de paradigma aqui utilizada, deriva do conceito formulado por Thomas Kuhn, apropriado, entretanto, de uma forma mais livre do que aquela permitida ou recomendada pelo seu autor. Para Kuhn, a definição do paradigma de uma disciplina científica remeteria a três elementos básicos: o conjunto de crenças, regras, valores, técnicas, etc..., partilhada pelos membros de uma comunidade determinada que podem se manifestar, de forma implícita, nas "soluções concretas de quebra-cabeça" e substituir "regras explícitas como base para a solução dos restantes quebra-cabeças da ciência normal". Assim, o conjunto de regras, valores e crenças partilhadas, a comunidade dos praticantes daquela especialidade científica e os modelos-exemplares de solução de problemas, são o tripé a partir do qual o autor constrói sua noção de paradigma, sendo que, às vezes, cada um dos elementos aparece substituindo e funcionando como a própria expressão do termo. Neste trabalho, adotamos a expressão Kuhniana, no sentido de indicar as concepções teóricas partilhadas pelos membros de uma determinada corrente de estudos da comunicação, que expressam determinados modos de "ver" e de "fazer" a comunicação social. Sobre a definição de paradigma ver:

KUHN, Thomas S. Op. cit. (especialmente o Pós-fácio). Segundo Cardoso de Oliveira "uma matriz disciplinar é a articulação sistemática de um conjunto de paradigmas, a condição de coexistirem no tempo,

ceituação pode possibilitar uma maior clareza na exposição das questões e uma maior visibilidade das diferenças de abordagens no plano da teoria. Ao mesmo tempo, o esforço de sistematização dos paradigmas pode gerar uma melhor compreensão do funcionamento das teorias e das insuficiências explicativas de algumas delas, que produzindo "anomalias", motivam investimentos em novos paradigmas que se desdobram em rearranjos da matriz disciplinar.

A adoção das noções kuhnianas, no sentido apontado acima, parece-nos interessante enquanto recurso para suscitar questões decorrentes da complexidade da produção teórica sobre os MCM. Tal adoção não corresponde, entretanto, à produção de uma "versão kuhniana" no terreno do pensamento sobre os MCM, tanto pela impropriedade de realizá-lo no âmbito deste trabalho — já que tal pretensão acabaria por empobrecer e reduzir a contribuição de Kuhn ao estudo da produção científica — como também pelas dúvidas que ainda temos da propriedade de se tratar uma área incipiente como a comunicação a partir de modelos gerados no estudo das chamadas **hard sciences**.

1. Os Estudos sobre Comunicação

Os primeiros estudos sobre a Comunicação surgem na Alenhamia, no final do século XIX. São estudos referentes ao jornalismo impresso e têm em Otto Groth

mantendo-se todos e cada um ativos e relativamente eficientes". OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Sobre o pensamento antropológico*. Rio de Janeiro/Brasília: Tempo Brasileiro/CNPq, 1988, p. 15. Ainda sobre a definição de matriz interdisciplinar ver: KUHN, Thomas S. Op. cit. p. 226 e seguintes.

(1883-1965), sua figura de destaque.³ A rigor, não se tratava de trabalhos que destacassem a temática da comunicação de massa, mas centravam-se em determinadas características do jornalismo diário, sendo a imprensa, seus expoentes, normas técnicas e jurídicas da veiculação de notícias e suas estatísticas de vendagem, os elementos que mais se destacavam nos estudos realizados no final do século XIX e início do século XX. Os pesquisadores, juristas, historiadores e alguns poucos cientistas sociais — se preocupavam basicamente com o fenômeno da expansão da imprensa e, em outros casos, os produtos jornalísticos eram ressaltados pela sua importância como fonte documental de um certo período ou evento.⁴

A partir da terceira década deste século, os trabalhos de alguns estudiosos começam a se articular em torno do fenômeno da comunicação de massa, iniciando-se

-
3. Otto Groth era alsaciano, dotado de profunda formação humanista e começou a escrever em 1910, sendo a sua primeira obra uma espécie de enciclopédia do jornalismo. Este autor, que produziu o que hoje se denomina "teoria do diário", considerava que "o autêntico objeto da Ciência Periodística não está na investigação dos conteúdos da Imprensa, do Rádio ou da Televisão, porém na investigação das características de cada um dos meios, considerados como um todo. No entanto, Groth somente investigou as características da imprensa, da qual fez um estudo exaustivo e sobre o qual formulou leis que hoje podem ser consideradas fundamentais". Sobre a obra de Groth, ver: CASASUS, Josep M. *Ideología y análisis de medios de comunicación*. Barcelona: Dopesa, 1972.
 4. São frequentes os estudos históricos sobre o jornalismo, através dos quais se investiga o passado da imprensa em cada país, numa relação parcial com a cultura, a literatura e especialmente, a política. Tais histórias se referem, frequentemente, ao surgimento da imprensa e à vida de personagens relevantes por sua atividade pioneira no campo da imprensa escrita. Muitas vezes ocorre também a ênfase nas investigações sobre a legislação, definidora de direitos ou liberdades, para que os integrantes da sociedade possam expressar livremente seu pensamento, ou para que as empresas jornalísticas possam exercer sua ação sob normas jurídicas adequadas. Sobre este tema ver: CIESPAL. *La evolución de la comunicacion en America Latina*. Caracas, 1978. mimeo.

a circunscrição de um novo objeto de estudos, estreitamente articulado às disciplinas das Ciências Sociais e à Psicologia.

No final da década de 30 começam a aparecer nos Estados Unidos, uma série de trabalhos desenvolvidos por uma equipe de estudiosos em que se destacam quatro pesquisadores que passam a ser denominados os “pais fundadores” da pesquisa em Comunicação: Paul Lazarsfeld, Kurt Lewin, Harold Lasswell e Carl Hovland.⁵

-
5. “Paul Lazarsfeld, sociólogo, formado em Viena, chegou aos Estados Unidos em 1932 e interessou-se profundamente pela audiência e efeitos dos novos meios de comunicação coletiva. Quando ele começou a pesquisa desses meios, os homens de rádio e anunciantes americanos já haviam iniciado a avaliação das audiências para verificar qual o rendimento do rádio — número de ouvintes e sua opinião sobre os programas”. (...) Eis a linha que Lazarsfeld seguiu — estudos de audiência, estudos eleitorais, estudos das campanhas, estudos dos efeitos dos meios coletivos e estudos da influência pessoal em relação à dos meios coletivos. (...) Fundou uma das organizações de pesquisa mais influentes do país — o Bureau of Applied Social Research”. Kurt Lewin, psicólogo, também educado em Viena, chegou aos Estados Unidos no início da década de 30, e “exerceu grande influência sobre os estudantes da Universidade de Iowa e no Massachusetts Institute of Technology. O interesse central de Lewin era a comunicação em grupos e os efeitos das pressões, normas e atribuições do grupo no comportamento e atitudes de seus membros. Era um experimentador extraordinariamente engenhoso e tinha a habilidade de atrair estudantes imaginosos e brilhantes”. Harold Lasswell, cientista político formado pela Universidade de Chicago, foi professor por muitos anos nessa Universidade e na de Yale. “Não era pesquisador ou experimentador: seu método era analítico. Foi pioneiro nos estudos de propaganda, nos grandes estudos sistemáticos de comunicação nas nações e sociedades e nos processos eficazes de propaganda política”. Carl Hovland era psicólogo graduado pela Universidade de Yale. “Antes da guerra de 1939-45 já conquistara reputação como psicólogo experimental. Chamado a participar do programa de pesquisa do Exército em 1942, interessou-se profundamente pela comunicação e mudança de atitude. (...) o método de Hovland era seguro, cuidadoso e experimental, variando um único elemento de cada vez, controlando os demais, verificando hipótese após hipótese, compondo, lenta mas seguramente, uma teoria sistemática de comunicação. Na realidade, ele estava criando uma retórica científica moderna. (...) Estava estudando, por exemplo, os efeitos de um divulgador fidedigno e prestigioso, a mensagem unilateral ou bilateral, a motivação do medo, métodos para vacinar “as pessoas contra a propaganda, etc.”

Como se sabe, os estudos sobre a comunicação nos Estados Unidos surgem articulados — e portanto marcados — por dois tipos de preocupação: por um lado o interesse na propaganda política e no seu incremento pelos meios de comunicação de massa e por outro lado, as demandas das firmas industriais e comerciais de conhecer a melhor alternativa para vender sua produção a grupos sociais cada vez mais amplos porém mais dispersos.

Para uma melhor compreensão do significado de toda essa produção intelectual ligada à comunicação de massa, há que se ressaltarem alguns traços definidores do contexto mais amplo dos Estados Unidos. Por um lado, é um período caracterizado por intensa atividade bélica, com os americanos — através das ações do Departamento de Estado — extremamente atentos à situação do outro lado do Atlântico. Toda a ação dos estados facistas no que se refere à propaganda e ao uso dos meios de comunicação de massa é de interesse conhecer e investigar. Além disso, no período da II Grande Guerra e naquele denominado de “Guerra Fria”, é intenso o uso dos MCM — e o aperfeiçoamento de suas técnicas na contra-propaganda. Um outro elemento importante diz respeito às necessidades de expansão do

Sobre os trabalhos desses pesquisadores e das linhas de influência e sua obra, é bastante sugestivo o livro de Schramm, “Panorama da Comunicação Coletiva”. É ainda do mesmo autor a seguinte avaliação da “escola americana”:

“Entretanto, várias características da pesquisa sobre a comunicação nos Estados Unidos são evidentes a qualquer pessoa oriunda de outro meio cultural. Uma delas é que, na América do Norte, ela é antes quantitativa do que especulativa. Seus praticantes são profundamente interessados em teorias mas por teorias que possam verificar — e eles querem verificá-las. São essencialmente pesquisadores do comportamento: procuram descobrir algo sobre o motivo do comportamento dos homens, sobre as possibilidades de a comunicação fazê-los viver juntos, mais feliz e produtivamente”.

SCHRAMM, Wilbur (Org.). *Panorama da comunicação coletiva*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964. p. 9-19.

consumo de produtos industriais e entre eles o desenvolvimento e a ampliação do mercado de produtos eletrônicos, primeiramente o rádio e a seguir a televisão — e para isso, tornou-se necessário tanto o aperfeiçoamento das técnicas de **Marketing**, quanto uma intensificação do uso dos MCM como recurso publicitário. De uma forma geral, o interesse em criar comportamentos favoráveis ao consumo e em desenvolver atitudes adesistas ao esforço bélico e ao sentimento anti-comunista vai marcar de forma muito significativa a própria matriz teórica dos estudos pioneiros sobre a comunicação na América do Norte. São os chamados “estudos dos efeitos”, que, de acordo com o esquema de Harold Lasswell,⁶ se dedicam a pesquisar o conteúdo das mensagens veiculadas pelo MCM e seus efeitos nos indivíduos que as recebem.

É interessante verificar que esses estudos configuram o que se chamou “escola americana” e apresentam alguns traços que marcam de forma paradigmática todo o desenvolvimento posterior da pesquisa sobre a comunicação.

Os primeiros trabalhos realizados indicam a presença explícita de uma teoria da sociedade — inicialmente

6. “Elaborado inicialmente nos anos trinta, o modelo de Harold Lasswell, proposto em 1948, explica que:

‘uma forma adequada para se descrever um ato de comunicação é responder às seguintes perguntas:

quem

através de que canal

com que efeito?

O estudo científico do processo comunicativo tende a concentrar-se em uma ou outra destas interrogações.’ A fórmula de Lasswell, ordenando aparentemente o objeto de estudo segundo variáveis bem definidas, sem omitir nenhum aspecto relevante dos fenômenos em causa, na realidade depressa se transformou — e assim permaneceu durante muito tempo — numa verdadeira teoria da comunicação, em ligação estreita com o outro modelo comunicativo dominante na pesquisa, isto é, a teoria da informação”.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Presença, 1987. p. 24-25.

demarcada como uma sociedade de massa, cuja vertente teórica são as construções de matiz conservador que vêem a sociedade moderna como o resultado da industrialização e da desagregação do tecido social que ela acarreta. Daí, a alienação, isolamento e passividade do indivíduo na sociedade, que se torna vulnerável à manipulação e controle externos, dos grandes centros de decisão e informação.⁷ Assim, quase como uma decorrência desta concepção de sociedade, concebe-se a ação dos meios baseados em uma visão psicológica de origem behaviorista, formulando-se um modelo do processo comunicativo com base na relação estreita, entre estímulo (E:emissor) e resposta (R:receptor). Nessa perspectiva, a ação dos meios é vista como uma **manipulação** dos indivíduos, que possa resultar em determinados comportamentos e atitudes desejadas pelos centros emissores.

Aos poucos, modifica-se essa concepção de sociedade e seu corolário de modelo de comunicação "segundo três diretrizes distintas mas em muitos aspectos interligadas e sobrepostas: a primeira e a segunda, centradas em abordagens empíricas de tipo psicológico experimental e de tipo sociológico; a terceira, representada pela abordagem funcional à temática dos meios de comunicação em seu conjunto, em consonância com o afirmar-se, a nível sociológico geral, do estrutural-funcionalismo".⁸

Os estudos realizados a partir dos anos 40, apresentam por um lado, uma revisão do processo comunicativo entendido na dimensão estreita da relação E-R, mantendo-se entretanto, um matiz "psicologista", que se acentua com o incremento do experimentalismo que passa a marcar a área. Nesse sentido, frente aos resultados

7. Sobre a discussão da sociedade de massa é interessante ver: COHN, Gabriel. *Sociologia da Comunicação: teoria e ideologia*. São Paulo: Pioneira, 1973.

8. WOLF, Mauro. Op. cit. p. 27.

obtidos nos experimentos comunicativos realizados, que contestam a “naturalidade e inevitabilidade” dos efeitos da ação dos MCM, esta passa a ser concebida na perspectiva da “persuasão”. Ou seja, abandona-se o termo “manipulação” de um indivíduo passivo, alienado e facilmente controlável pela propaganda, em proveito da visão de que determinados conteúdos trabalhados de forma adequada seriam passíveis de persuadir indivíduos racionais na direção de um comportamento e de uma atitude considerada proveitosa, produtiva e desejável aos emissores das mensagens. Vê-se, que aqui a emergência do termo persuasão desvela uma modificação no conceito do indivíduo e de sociedade, já que essa persuasão se realiza no terreno, não mais de uma sociedade desconectada e alienada, mas um somatório complexo de indivíduos racionais que conformam seus comportamentos e atitudes a partir de argumentos racionais que os persuadem a agir de alguma determinada maneira.⁹

Por um lado, diferentemente da abordagem experimentalista, outros trabalhos que tentam também investigar os “efeitos dos MCM” se dedicam à pesquisa de campo e tal diferença na situação comunicativa investigada acaba por resultar em descobertas sobre o assunto que levam a construir um esquema do processo comunicativo não mais em termos de “persuasão” mas relativo à “influência” exercida pelos MCM. São os estudos sobre a formação de atitudes e opiniões políticas — que trabalhando situações comunicativas específicas: campanhas políticas e eleitorais — concebem a ação dos meios

9. São inúmeros os trabalhos realizados nesta perspectiva. Dentre eles, merecem destaque, pela sua intensa circulação e pela clareza dos supostos que informam a abordagem comunicativa:

FESTINGER, Leon. Teoria da dissonância cognitiva. In: SCHRAMM, Wilbur. (org). Op. cit. p. 21-28.

JANIS, Irving L. A personalidade como fator da suscetibilidade à persuasão. In: SCHRAMM, Wilbur. (org.). Op. cit. 53-61.

massivos em termos da influência que exercem sobre certo conjunto de indivíduos — os líderes de opinião — que multiplicam essa influência nos diversos e variados grupos nos quais exercem sua liderança. Nessa perspectiva, percebem-se as alterações, quer no conceito de sociedade, quer no modelo de comunicação que resultam de tais estudos.¹⁰

Esses trabalhos, de matiz comportamentalista e empírica, se integram, entretanto, na mesma corrente que acaba por absorver uma visão sistêmica da sociedade e que redundam numa série de estudos que passam a conceber a comunicação massiva como um subsistema social responsável pelo desempenho de determinadas funções vitais para a manutenção e conservação do sistema total. É nessa perspectiva que os estudos, agora de natureza mais especulativa que os anteriores — apesar de manterem os traços empiricistas das investigações desenvolvidas — vão centrar sua atenção nas relações funcionais (ou nas ocasionais disfunções) entre o indivíduo, os meios massivos e a sociedade.¹¹

É nessa vertente de estudos que pode-se vislumbrar o primeiro paradigma da área e que, de forma modificada ou não, vai se manifestar em grande parte dos trabalhos posteriores. O importante a se destacar é que,

10. Sobre essa corrente de estudos é interessante ver o artigo de Katz, onde ele se refere às "descobertas" de Lazarsfeld sobre o "fluxo de comunicações em dois estágios" e apresenta uma sugestiva resenha dos "achados" produzidos pelas pesquisas, nesta perspectiva.

KATZ, Elihu. A difusão de novas idéias e práticas. In: SCHRAMM, W. (org). Op. cit. p. 73-86.

11. A fórmula de Lasswell, Charles Wright, em 1959, no ensaio intitulado "Functional Analysis and Mass Communication". Combina a distinção proposta por Merton, chegando à seguinte fórmula: Quais as funções (1) e disfunções (2) manifestas (3) e latentes (4) da comunicação de massa de vigilância (notícias-5), correlação (6) transmissão cultural (7) e entretenimento (8) para a sociedade (9) os sub-grupos (10) os indivíduos (11) e os sistemas culturais (12)? Ver: PFROMM NETO. Op. cit. p. 57 e 58.

de um lado percebe-se a ancoragem dos estudos na Psicologia, na Sociologia e na Ciência Política, sendo os paradigmas atuantes nessas disciplinas, no campo americano, os geradores dos traços que configuram a "escola americana", por outro lado, tais paradigmas lhe impõem uma tradição experimentalista, empirista e quantitativista, em relação às abordagens e às técnicas de investigação. Daí, porque, no âmbito propriamente específico do processo comunicativo obtém tanto sucesso e tanta duração o modelo comunicativo relativo à teoria da informação, que prioriza os elementos empiricamente observáveis do processo e desenha uma versão tecnicista da ação dos MCM.¹²

Percebe-se que as grandes matrizes teóricas dos estudos realizados são as contribuições (explícitas ou não) da Psicologia Comportamental, da teoria do sistema e da ação social, das formulações centradas nas funções e disfunções da sociedade e das teorias do controle social e da formação da opinião na sociedade moderna. Dessa forma, claramente marcado por esse tripé de corte funcionalista e conservador, o paradigma da "escola americana" foi altamente produtivo e fez avançar em muito a compreensão dos fenômenos comunicativos na moderna sociedade industrial.

12. O processo de comunicação, segundo a teoria da informação, compreende os seguintes elementos:

- a) uma fonte de informação, que produz a informação bruta ou "mensagem" a ser transmitida.
- b) um transmissor que codifica ou modula essa informação, sob forma adequada ao canal.
- c) o canal no qual a informação codificada ou "sinal" é transmitida até um ponto de recepção. Durante a transmissão, o sinal pode ser perturbado por ruído.
- d) a destinação final da informação.

Sobre o assunto ver:

WEAVER, W. A teoria matemática da comunicação. In: COHN, Gabriel (org.). *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987. p. 25-37.

É interessante notar também que os trabalhos dessa “escola”, se iniciados com a preocupação distintiva com os meios massivos, no seu desenvolvimento amplia seu universo temático e toma como seu objeto à “comunicação humana”, já que se refere a “todos os meios empregados na troca de idéias e informações. Tratamos, portanto, da comunicação coletiva e individual; da palavra falada, dos sinais, gestos, figuras, exibições visuais, imprensa, rádio, cinema — de todos os sinais e símbolos, pelos quais o homem procura transmitir significações e valores ao seu semelhante”.¹³

Nessa direção, uma das linhas mais frutíferas de investigações realizadas — e de grande repercussão nos países terceiro mundistas — diz respeito à importância da comunicação para a difusão de inovações. Fundadas nas teorias sociológicas da modernização, muito em voga nos Estados Unidos na década de 50, as teorias difusionistas atribuem aos meios massivos e à sua influência sobre os indivíduos a responsabilidade de incrementar as mudanças sociais necessárias ao desenvolvimento, através da adoção de atitudes inovadoras e de implementos tecnológicos que poderiam — principalmente nas regiões agrícolas — redundar em alteração no quadro de atraso que caracterizava tais regiões.¹⁴

Se é esta a situação no âmbito dos estudos americanos, do outro lado do Atlântico a situação é bastante diversa. Também lá, é a partir da década de 30 que começam a surgir os trabalhos que tomam como seu objeto o novo fenômeno comunicativo. Apesar de pouco

13. SCHRAMM, Wilbur. Op. cit. p. 12.

14. A pesquisa da difusão de inovações tem uma interessante abordagem — resumo e crítica — nos trabalhos de Juan Bordenave e Ramiro Beltran:

Ver especialmente:

BELTRAN, Luis Ramiro. *Premissas, objetos e métodos de pesquisa sobre a comunicação na América Latina*. Caracas: 1976. mimeo.

destacado nas histórias de produção da área, um dos primeiros estudiosos que formula alguns traços importantes para a temática é Jacques Kayser, na França, que se interessa pela apresentação dos meios e de mensagem, trabalhando com os elementos que conformariam a ação dos jornais diários. São os estudos morfológicos dos diários e as análises de conteúdo das mensagens que centralizam a preocupação deste estudioso.¹⁵ Mais tarde, com a divulgação dos trabalhos de Violette Morin, Edgar Morin e Roland Barthes configura-se uma preocupação com os meios de comunicação através das reflexões em torno da "cultura de massa". Estes trabalhos que passam a marcar o campo das investigações sobre a comunicação, apresentam dois traços que aqui devem ser destacados. A influência da Antropologia, da Sociologia, da Cultura e da Lingüística se faz marcante na sua produção, configurando uma outra matriz disciplinar geradora dos paradigmas dos estudos de comunicação, que passam a ter no estruturalismo a sua influência mais decisiva.¹⁶ Ao mesmo tempo, dada a preocupação com o fenômeno mais geral da "cultura de massa", tais estudos não investem na elaboração de um quadro de referência teórica que dê conta do processo comunicativo instaurado pela ação dos meios massivos e acaba por circunscrever seu objeto à produção cultural, suas características e significado numa sociedade industrial, marcada pelo consumo cultural. Apesar de realizar diversos e importantes estudos empíricos, sua tradição é mar-

15. Jacques Kayser, trabalhou no Instituto Francês de Imprensa, era um profissional de jornalismo e se dedicou à análise dos meios impressos na Europa. Sobre o trabalho que realizou e sua importância como pioneiro da chamada "escola francesa", ver:

CASASUS, Josep Maria. Op. cit. p. 43-49.

16. Sobre os trabalhos realizados por esta corrente, ver:

CASASUS, Josep Maria. Op. cit. p. 49-53.

COHN, Gabriel (org.). Op. cit. p. 333-345.

WOLF, Mauro. Op. cit. p. 87-93.

cadamente intelectualista, ancorada na produção sócio-antropológica e nos modelos de ciência formal que utiliza, como disciplinas de apoio, a lingüística e a semiologia.

Seus estudos fazem avançar a compreensão sobre a produção cultural na sociedade moderna, assim como se avança também nas questões relativas à análise do conteúdo dos meios, de corte estruturalista, mas pouco acrescenta a uma compreensão especificamente relacionada ao processo comunicativo acionado, reorientado ou reorganizado a partir da ação dos MCM.

É também desta mesma época o surgimento de uma outra corrente de estudos sobre a comunicação, que vem marcar de forma bastante significativa a área e fornecer alguns dos traços paradigmáticos mais importantes nos trabalhos que se desenvolveram posteriormente. É a chamada "teoria crítica", originada na Escola de Frankfurt que, através do termo "indústria cultural", cunhado por Adorno e Horkheimer em 1942, oferece uma importante interpretação da situação e sentido da cultura na sociedade industrial e pós-industrial.¹⁷

Os trabalhos desenvolvidos nesta perspectiva buscam a crítica da cultura na moderna sociedade industrial: que não é cultura por que é "subordinada à lógica da circulação de mercadorias (...), nem indústria: porque tem mais a ver com a circulação do que com a produção. Isolar um ou outro pólo é consagrar a ideologia. Tratá-los conjuntamente é mostrar no que constituem ideologia — na incapacidade de desenvolver-se, de realizar plenamente seja sua condição de cultura, seja sua condição de indústria".¹⁸

17. Sobre o trabalho dos teóricos ligados a Frankfurt, a importância dessa corrente de estudos e a indicação de suas obras mais importantes, é sugestivo ver:

FREITAG, Barbara. *A teoria crítica: ontem e hoje*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

18. COHN, Gabriel (org.). *Theodor W. Adorno*. São Paulo: Ática, 1986. p. 16.

Buscando uma compreensão do sentido e da natureza da cultura num mundo inteiramente administrado, a produção dessa corrente se ancora firmemente numa visão crítica da sociedade burguesa. Definidos como os "herdeiros das teorias da suspeita", os frankfurtianos se propõem a realizar a crítica racional da razão burguesa exatamente na área em que ela se torna mais decisiva, já que o "controle político sobre a produção e a distribuição mediante a imposição do planejamento econômico associado ao controle sobre os trabalhadores desloca para a área mais 'leve', a da circulação das mercadorias e das representações ideológicas da sociedade, o fulcro da reprodução do processo inteiro".¹⁹

É interessante observar que as matrizes geradoras dos paradigmas dessa vertente de estudos sobre a comunicação, são a teoria ideológica de corte marxista, os elementos da psicanálise freudiana e a perspectiva dialética hegeliana que impõe traços de crítica severa aos processos sociais, econômicos e culturais em curso na sociedade moderna, dos quais a produção dos MCM não são mais do que um aspecto a ser investigado, buscando sua relação e articulação com o sistema total implantado num mundo que administra e domina a natureza e os homens.

Essa corrente, de tradição nitidamente intelectualista, que inclusive, abre uma importante polêmica com as ciências sociais de corte positivista — a chamada pesquisa administrativa — não resulta, porém num investimento que contemple uma formulação teórica que dê conta da dinâmica interna do processo comunicativo, em que pesem suas contribuições às discussões da linguagem e dos elementos técnicos que presidem a produção dos meios massivos. Nesse sentido, configura-se

19. *Idem*, *Ibidem*.

um paradigma que investe na orientação de estudos de relação macrosociais e de conseqüências micropolíticas no terreno da dominação ideológica e da alienação dos indivíduos.

É interessante observar que uma derivação não explicitamente alinhada às contribuições frankfurtianas, mas guardando uma certa relação com a sua crítica à sociedade capitalista, se apresenta nos estudos — desenvolvidos principalmente nos países do Terceiro Mundo — que vão investigar e analisar a presença da dominação inter-países na área da produção cultural. São os trabalhos de Mattelart e Shiller, com uma grande adesão dos estudiosos latino-americanos que vão examinar a ação dos MCM a partir da teoria do imperialismo e/ou da teoria da dependência.²⁰ De corte marxista, com traços inequivocamente ortodoxos, essa tradição é muito importante na América Latina, principalmente porque dela surge uma primeira contraposição ao modelo linear de comunicação — E — M — R — através das contribuições de Pasquali e Paulo Freire.²¹ É também ligada a essa corrente que surgem os estudos da Nova Ordem Informativa Internacional, que denunciam o monopólio de informação assegurado pelo poder das agências noticiosas do primeiro mundo e se constitui num dos focos de atenção

20. Como contribuições significativas aos estudos sobre o imperialismo cultural, ver:

MATTELART, A. O imperialismo cultural na era das multinacionais. In: WERTHEIN, Jorge (org.). *Meios de comunicação: realidade e mito*. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

SCHILLER, H. *O império norte-americano das comunicações*. Petrópolis: Vozes, 1976.

21. Sobre a relação comunicação-educação e comunicação-cultura, nos países do Terceiro Mundo, ver:

CIESPAL. Op. cit. p. 45 e seguintes.

Sobre a concepção dialógica da Comunicação, ver:

PASQUALI, A. *Sociologia e Comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1973.

dos docentes/pesquisadores na década de 70, principalmente daqueles ligados ao ensino do jornalismo.²²

Essa corrente, extremamente heterogênea e diversificada, vai também configurar uma certa "rebeldia" dos estudiosos terceiomundistas às tendências dos estudos produzidos nos contextos desenvolvidos e uma tentativa de adequação das perspectivas teóricas à realidade atrasada e dependente dos países subdesenvolvidos. Um dos seus traços mais marcantes, será uma certa "utopia ingênua", derivada da adoção de perspectivas "nacionalistas" em contraposição ao "imperialismo" efetivado pelos MCM e na possibilidade de transformação da comunicação em instrumento de libertação pela via da democratização da informação e da adoção de um "modelo dialógico" para o processo comunicativo.

A rigor, trata-se de estudos derivados da perspectiva teórica originada na Escola de Frankfurt, mas que se transformam pela crítica ao suposto pessimismo da visão expressa no conceito de "indústria cultural", numa busca de saída para a situação de dependência cultural, econômica e política imposta pela relação internacional. Daí que muitos dos trabalhos vão se preocupar com as relações estruturais existentes entre os MCM e a sociedade, particularmente a relação com o Estado. É também nesse contexto que vão aparecer as influências do pensamento gramsciano, e do pensamento althusseriano na área da comunicação, tornando o panorama teórico da área complexo e cada vez mais fragmentado e disperso.²³

22. Sobre o debate em torno da questão da Nova Ordem Informativa Internacional é importante ver o chamado "Relatório McBride".

23. Sobre a discussão e crítica do conceito de indústria cultura, das relações MCM-Estado, principalmente nos países latino americanos e da influência de Althusser e Gramsci, são sugestivas as coletâneas de debates promovidos pela INTERCOM e publicadas em associação com a Editora Cortez/Moraes, especialmente:
MELO, José Marques de (Coord.). **Comunicação e classes subalternas.** São Paulo: Cortez, 1980.

Na Inglaterra, principalmente a partir da década de 50, desenvolve-se um conjunto de estudos que inclui a produção da comunicação massiva no universo de suas preocupações. São os chamados "cultural studies", que têm em Raymond Williams e em S. Hall seus principais expoentes. "O interesse dos cultural studies centra-se, principalmente, na análise de uma forma específica de processo social, relativa à atribuição de sentido à realidade, à evolução de uma cultura de práticas sociais partilhadas, de uma área comum de significados". Os estudos dessa corrente, ainda segundo Wolf, se especificam em duas direções: de um lado, desenvolvem-se trabalhos sobre a produção dos MCM "enquanto sistema complexo de práticas determinantes para a elaboração da cultura e da imagem da realidade social" e por outro lado, desenvolvem estudos sobre "o consumo da comunicação de massa enquanto espaço de negociação entre práticas comunicativas extremamente diferentes".²⁴

De orientação marcadamente marxista e de tradição intelectualista, a produção desta corrente está marcada pelos estudos da literatura e por uma certa abordagem da antropologia cultural. Sua produção é importante para a área e seus estudos contribuem para atenuar, ou distanciar, uma certa "visão conspirativa" da ação dos MCM que associa, de forma muitas vezes mecânica e ortodoxa os conteúdos dos meios e os interesses de controle político e ideológico dos grupos dominantes. Entretanto, em que pese a importância da sua contribuição, essa corrente de pensamento não se preocupa em tematizar e investigar os elementos propriamente específicos do processo comunicativo gerado pelos MCM de maneira a

24. WOLF, Mauro. Op. cit. p. 94-95.

Sobre esta corrente é interessante ver:

HALL, S. Cultural studies: two paradigms. *Media, culture and society*. nº 2, p. 57-72.

fazer avançar as formulações teóricas até então existentes sobre esse aspecto, nos estudos sobre a comunicação.

Finalizando, é preciso destacar a existência de alguns autores que não se constituindo propriamente em “escolas” ou não configurando uma tendência de pesquisa, apresentaram, contudo, uma contribuição de tal maneira significativa que passaram a marcar a tradição da investigação da área constituindo-se por isso em certas “autorias paradigmáticas”. Duas das mais expressivas contribuições referem-se aos trabalhos de McLuhan e de Umberto Eco.²⁵

2. O Impasse da Matriz Antinômica

O panorama traçado acima permite visualizar, mesmo que em traços grosseiros, a situação da produção teórica sobre a comunicação, configurando um campo complexo, multifacetado, de várias relações e entradas que, se por um lado, indicam um grande impulso da área, por outro lado é revelador do grau de inconsistência teórica que tem presidido a sua pesquisa e da fragilidade, fragmentação e dispersão que caracterizam sua produção.

Percebe-se que as abordagens possibilitadas pelos diversos paradigmas ou correntes de produção teórica nem sempre tiveram como ponto de partida (ou mesmo ponto de chegada) o tratamento adequado da especificidade da comunicação, um entendimento mais aprofundado da complexidade do fenômeno comunicativo. Aspecto às vezes negligenciado, a compreensão esquemática e simplificadora do processo comunicativo —

25. McLUHAN, Marshall H. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1974

Da vasta e diversificada obra de Umberto Eco, estamos nos referindo especificamente aos seus trabalhos iniciais.

tomado como fenômeno natural e transparente — tem sido fonte de equívocos e mistificações. Pois não são os MCM simples canais escoadores; tampouco entidades dotadas de uma autonomia e lógica auto-centradas. Mas, antes de tudo não se explicam apenas a partir da dinâmica da sociedade, mas são, em si, atividade, espaço constitutivo no seio do social.

Para compreender melhor o impasse e os problemas colocados pelos estudos na área de comunicação, é preciso rever, inicialmente, o tratamento teórico comumente dispensado à questão propriamente comunicativa. Nesse sentido, e de acordo com as observações feitas até agora, é preciso que retomemos o próprio conceito de comunicação, cuja matriz teórica localizamos nos pioneiros estudos americanos das décadas de 30 e 40, e mais especificamente no trabalho de Shannon e Weaver e em seu modelo da teoria matemática da comunicação (ou teoria da informação).

De alguma maneira, todos os trabalhos desenvolvidos nos anos mais recentes têm criticado a incipiência teórica e metodológica de tais formulações do processo comunicativo, com algumas críticas severas ao empobrecimento conceitual que impõe à ação comunicativa, ao viés empiricista e funcionalista da sua abordagem. Contudo, apesar de tais críticas, essa concepção — amplamente contestada e debatida — não foi respondida e superada por formulações mais recentes. Observando-se a produção posterior a ela, o que se pode perceber são tendências que, recortando e se contrapondo a aspectos distintos apresentados pelo modelo, acabam por configurar novos paradigmas também marcados pela insuficiência e pela fragmentação. Em suma, o que queremos dizer é que a crítica — acertada e necessária — ao modelo da teoria da informação não deu lugar a uma nova construção teórica que pudesse dar conta da especificidade e com-

plexidade do fenômeno comunicativo, mas a uma profusão de enfoques — ricos e interessantes no tratamento de certos aspectos muitas vezes essenciais à abordagem do tema — que pecam sobretudo por sua natureza parcial. De tal maneira que, ao nos reportarmos ao vasto painel de paradigmas e matrizes teóricas hoje existentes no campo de análise da comunicação, foi possível perceber que tais paradigmas oscilam — ou podem ser ordenados — entre três conjuntos de pares antinômicos, configurando cada um ênfases distintas:²⁶

— o primeiro deles tem como ponto nodal a relação comunicação/sociedade, e aqui podemos apresentar duas tendências — ou paradigmas — que se opõem. A comunicação é vista enquanto sistema isolado, e formalizada em modelos que destacam seus elementos internos e partes constitutivas, **ou** é tratada enquanto um dos aspectos de relações sociais mais amplas, inscrita e subordinada a uma dinâmica mais global da sociedade, da qual ela não é mais que instrumento e materialização — sendo este último aspecto tratado como secundário e às vezes até mesmo esquecido;

— o segundo par de antinomia se constrói em torno da natureza da relação efetivada no processo comunicativo. A comunicação é então configurada enquanto relação unilateral, linear, em que um emissor transmite mensagens para um receptor, unilateralidade que é mantida mesmo quando se admite a troca de papéis, **ou** enquanto relação dialógica, calcada na bilateralidade, na relação biunívoca de pólos que, alternadamente, emitem e recebem em perfeita igualdade de condições;

26. Essa construção da matriz disciplinar antinômica se encontra apresentada em:

FRANÇA, Vera R.; PAIVA, V.; CASTRO, M.C.P. *As relações entre cultura e MCM no universo da mineiridade*. Relatório final de pesquisa. Belo Horizonte: UFMG, 1989. mimeo.

— finalmente, uma terceira vertente vai circunscrever a oposição que se constrói em torno de uma compreensão diferenciada da natureza do produto comunicativo. A comunicação pode ser tratada enquanto processo de transmissão de informações, transferência de sinais (acústicos, visuais, etc) apenas apreendida nos seus aspectos operacionais e quantitativos, **ou** enquanto processo de significação com ênfase na natureza simbólica e nos processos decorrentes de codificação e decodificação, construção de sentido e de interpretação.

Observa-se que os estudos se localizam em um ou noutro polo da antinomia e que o entrelaçamento não tem sido — ou tem sido precária e inconsistentemente — buscado. O resultado é que, dotados de uma compreensão insuficiente da comunicação, os diferentes estudos oscilam entre uma abordagem tão ampla que não possibilita explicar ou intervir na prática específica dos meios, ou tão interna ao processo comunicativo que se desarticula de uma visão que recupera a sua globalidade e sua relação com a sociedade.

Superar essas antinomias, trabalhando com uma perspectiva teórica que absorva e integre as ênfases distintas, colocando-as em permanente tensão no interior de um paradigma que dê conta dos aspectos globais e externos ao processo comunicativo e dos elementos que informam e constroem sua dinâmica interna, nos parece ser hoje o principal impasse da área de comunicação.

3. Tentando Compreender e Superar a Antinomia

Os elementos trabalhados até agora e que nos permitiram configurar o impasse teórico da área de comunicação, expresso na sua matiz de natureza antinômica requer, entretanto, que se reflita sobre as razões que produziram esse quadro.

É certo que a própria complexidade existente nas Ciências Sociais, que funcionam como uma matriz geradora dos paradigmas dos estudos sobre a comunicação e, principalmente, como um mecanismo socializador dos modos de “ver” a comunicação, pode explicar, em grande parte, a existência das antinomias que expressam uma disputa entre os grupos acadêmicos, em termos da visão prevalente sobre as questões tratadas. Percebe-se claramente a disputa entre as tradições empiristas e intelectualistas das diferentes disciplinas das Ciências Sociais, assim como a influência dos chamados “paradigmas da ordem” e “do conflito” em cada uma das correntes resenhadas na parte anterior.²⁷ Verifica-se também, que, muitas vezes, as formulações específicas do processo comunicativo acabam por trabalhar com um pensamento sociológico, antropológico, político, psicológico, filosófico e econômico quase que de “segunda mão”, quando não de “segunda ordem”, o que tem valido críticas de inconsistência teórica e de insuficiência metodológica à produção da área. A rigor, essa não é uma crítica que se possa generalizar, em que pese a sua pertinência em muitos casos. Entretanto, o que mais complica a situação é a observação de que os estudos sobre a comunicação — certamente pela sua natureza multidisciplinar — tendem a reproduzir e a agravar a coexistência — numa perspectiva muitas vezes excludente — de paradigmas distintos e divergentes nas várias disciplinas das Ciências Sociais. Assim, muitos dos elementos produzidos pelas pesquisas — que possibilitam a compreensão do fenômeno comunicativo, de forma parcial e fragmentada — deixam de ser apreendidos e recuperados numa abordagem mais “compreensiva” do tema, em

27. Sobre essa tradição e os seus paradigmas ver o trabalho abordando especificamente a Antropologia:

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Op. cit. p. 13-107.

decorrência de pré-conceitos partilhados no interior de um paradigma (ou de uma disciplina) distinto daquele que gerou a investigação e as descobertas em questão.

Obviamente, não se trata aqui da adesão a um ecletismo acrítico, que acabe por se tornar um "moedor" de teorias e enfoques, produzindo um amálgama inconsistente e incoerente de análises sobre o fenômeno. Não estamos, de nenhuma forma, pressupondo a equivalência das tradições científicas, a favor de um "caldeirão teórico" que, sabemos, não nos levará a nenhum lugar. Entretanto, considerando que neste momento o pensamento na área da comunicação se encontra num impasse expresso no dilema entre explicar tudo, o que acaba por resultar em nada compreender, ou reduzir seu âmbito explicativo de tal maneira, que acaba por passar ao largo daquilo que pretende conhecer: é preciso encontrar alguma forma de superar o impasse.

Por um outro lado, é possível pensar também que a natureza do fenômeno comunicativo oferece algumas evidências para a compreensão do panorama teórico da área. Retomando a dupla face do bordão cunhado por Chacrinha — Quem não se comunica se trumbica — é possível perceber que a temática da comunicação impõe também uma dupla exigência — distinta, porém intrinsecamente ligada. Como já dissemos antes, trabalhar com a comunicação pode significar atuar no contexto da produção/veiculação das mensagens dos MCM e/ou investigar e compreender a ação da comunicação de massa na sociedade moderna. Considerando que uma boa parte dos estudos sobre a comunicação se dá no interior de instituições que se dedicam a formar profissionais destinados a atuar, direta ou indiretamente, no sistema comunicativo da sociedade, as demandas práticas decorrentes dessa tarefa acabam por se refletir — e nem sempre de forma positiva — na produção teórica.

A rigor, boa parte da produção sobre a comunicação se desenvolve nas universidades e/ou centros de pesquisa a elas ligados, mas apenas a partir dos anos mais recentes é que tal produção vai se realizar articulada aos departamentos e cursos de comunicação, já que alguns dos mais importantes trabalhos aparecem como ramos específicos de desenvolvimento das Ciências Sociais. Na área acadêmica específica da Comunicação, ou os cursos se organizam inteiramente independentes, na sua estruturação técnico-profissional, do campo propriamente teórico ou quando ocorre alguma articulação, esta é, via de regra, de precária organicidade.²⁸ Em decorrência, a produção teórica da área muitas vezes expressa uma tendência analítica de cunho meramente “denunciativo” ou, seduzida pelo pragmatismo operante na área profissional, acaba por renunciar à perspectiva crítica e adere, muitas vezes de forma definitiva e excludente, às posturas conformistas, tecnicistas e reducionistas do paradigma informacional.²⁹ Daí, a antinomia presente na matriz disciplinar da área tende a adquirir uma certa estabilidade, já que o confronto — que pode ser rico, mas certamente é problemático — entre a tradição acadêmico-intelectual e as exigências profissionalizantes alimenta e mantém as ênfases construídas em oposição.

Assim é que, se por um lado os estudos produzidos fazem avançar a compreensão do fenômeno comunicativo nos seus aspectos externos e com uma abordagem mais totalizante, a área específica da comunicação — pelas questões já aqui apontadas — não consegue, em contrapartida, se apropriar adequadamente desta produção

28. Ver os trabalhos da INTERCOM e da ABEPEC, especialmente: MELO, José Marques de, et alii (orgs.). *Ideologia e poder no ensino da comunicação*. São Paulo: Cortez e Moraes/INTERCOM, 1979.

29. MARTÍN BARBERO, J. *Crisis en los estudios de comunicación y sentido de una reforma curricular*. Cali: Universidad del Valle, 1984. mimeo.

e ancorada nela fazer avançar, de forma correspondente, uma compreensão mais articulada, crítica e teoricamente consistente, do processo comunicativo. Neste sentido, é elucidativo observar a pobreza teórica e a inércia investigativa da área profissionalizante — que, na maioria das vezes, não consegue sequer acompanhar os avanços tecnológicos do mercado — assim como o “modismo” pedante e estéril, a adesão oportunista e superficial às novidades intelectuais, da área teórica.

Herdeira e usuária da tradição rica e complexa que tem marcado os estudos do fenômeno comunicativo nas Ciências Sociais, a área de Comunicação não tem conseguido lidar com as oposições e excludências materializadas nos paradigmas disciplinares e tem contribuído para a manutenção do impasse, tornando-se tributária da matriz antinômica. Em decorrência, a área não dá conta de fazer avançar sua reflexão sobre a comunicação massiva e responder, de maneira crítica e criadora, às exigências da tarefa que a circunscreve e lhe dá sentido: construir uma abordagem que permita compreender o processo comunicativo e suas inter-relações na sociedade moderna e que fundamente e instrumentalize a intervenção inovadora e crítica nesse mesmo processo. Vale dizer, superar o impasse expresso na matriz disciplinar antinômica pela construção de um objeto teórico que resgate compreensivamente as várias abordagens impostas pelas múltiplas faces da empiria que o circunscreve, e pela atualização constante dessa construção estimulada e alimentada pela experiência prática resultante da atuação profissional no campo da comunicação.

É nessa perspectiva que pode ser frutífero pensar a área de Comunicação como um terreno de encontro de vários discursos sobre o social — já que seu objeto de análise e seu campo de atuação se constroem e se reconstróem a partir de várias disciplinas que se nutrem

do social. Para isso, é preciso recusar qualquer interpretação do processo comunicativo a partir da relação E-R, que impõe uma estrutura monológica e reducionista ao processo. A noção que nos parece mais central é a noção de interlocução que possibilita tanto a admissão do Outro no processo, quanto a recuperação dos **outros** discursos aos quais a comunicação necessita recorrer para atingir a totalidade da empiria que a circunscreve. Pois, se entendemos a comunicação a partir da noção de interlocução, que constitui e é constituída no processo comunicativo, uma reciprocidade fundada no simbólico, espaço de interação, de compartilhamento que se constrói a partir da intersubjetividade e supõe a tensão dialética entre a identidade e a diferença, a matriz geradora das teorias e das abordagens desse processo deve ter uma natureza polifônica. Aqui, a polifonia matricial deve promover a substituição do ou/ou pelo e/e, não como forma de promover o ecletismo, mas como exigência da compreensão dos vários possíveis e, até mesmo, insuspeitados modos de comunicação que impõem sempre novas dimensões de “ver” e de “fazer” a comunicação. A polifonia — entendida como a presença de muitas vozes que ecoam em harmonia, contudo distintas e iguais — tanto se refere à noção de interlocução constituinte do processo comunicativo, quanto se refere também à articulação paradigmática que dirige a investigação e os estudos sobre a comunicação.

Pela via da interlocução que supõe sempre a presença do Outro, tornando-se multiplicidade de vozes e de ações comunicativas, constrói-se a polifonia no processo da comunicação e na matriz disciplinar e impõe como segunda noção central, articulada à primeira, a noção de linguagem como essencial à construção do processo comunicativo. Pois é a linguagem — o seu exercício — que configura o processo e a natureza das

relações comunicativas. Nessa perspectiva, ela é conformadora. Mas é ela também que desestabiliza e estilhaça o primado de relações fixas e inteiramente previsíveis. A centralidade da linguagem no processo comunicativo não significa puro diálogo, nem mera dominação e que sempre “hay intercambio — cumplicidad y seduccion — pero impugnación y resistencia, assimetria de códigos entre emisor y receptor y por tanto decodificaciones desviadas y lecturas oblicuas, reapropiación y usos “aberrantes”.³⁰ Do ponto de vista da matriz disciplinar, lidar com o conceito de linguagem supõe aceitar que “os horizontes não se excluem de um modo absoluto, mas se interseccionam e muitas vezes se fundem”.³¹ Enquanto terreno de encontro de outras “falas” sobre o social, a matriz da área de comunicação pode buscar construir o seu próprio discurso compreensivo do objeto que lhe dá sentido, já que a fala não é mero exercício repetidor, nem domínio exclusivo de quem a articula. É movimento que conjuga condições de produção e condições de recepção e que se situa num espaço sincrônico e diacrônico de outras falas.

A partir das duas noções — interlocução e linguagem — que fundam e são constituídas no processo e nas relações comunicativas,³² é possível vislumbrar as

30. *Idem*, *ibidem*. p. 8.

31. OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Op. cit.* p. 101.

32. “Retomando a discussão sobre a interlocução, é fundamental compreender que a linguagem não se constrói externamente, mas no espaço das relações comunicativas — marcadas pela assimetria e pela diferença — onde se articulam competências comunicativas (o saber fazer, o saber compreender) e diferentes critérios de pertinência e de significação. Num e noutro polo da relação se enpenham e se encontram sujeitos históricos e culturais. O simbólico é espaço de identidade, mas também de autonomização. A ambivalência inerente ao simbólico torna a comunicação um permanente referenciar-se — uma emissão que busca permanentemente o referendado do outro a quem quer atingir e junto com quem se constrói; uma recepção que é enformada na sua própria experiência de receber, que não é mero

possibilidades de estilhaçar o sentido congelado da matriz antinômica e buscar a construção de um quadro paradigmático que contemple vários enfoques e abordagens sobre o objeto de estudo em constante tensão. Essa tensão não resulta do conflito de versões que tentam se excluir, mas da admissão permanente da diferença, sem a perda da identidade e da contribuição de cada uma. Desta tensão dialética, construída pela intermediação das duas noções-chave do processo comunicativo — que acabam por se tornar idéias-forças no interior da matriz disciplinar — pode ser possível superar o impasse da área e fazer avançar a produção teórica sobre a comunicação, produção que se desdobra enriquecida na articulação com a tarefa de formação profissional.

Communication and modernity; the antinomic and the possibilities of polyphony

Reflections on theoretical aspects of social communication by utilizing Kuhn's "disciplinary matrix" concept by trying to identify the so-called "antinomic matrix" in studies about communication. Without entirely submit to Kuhn's normative contentions, new ways of thinking the communication work was sought, avoliding the theoretical dilemma imposed by the thinking.

reflexo, nem deglutição solitária, mas apenas se efetiva em tensão com o de fora — o emissor, que também é o outro, e seu produto, que já não o é mais. Ambos, sujeitos no espaço da interlocução, são os mesmos atores e espectadores das múltiplas histórias, que é a história de seu tempo."

FRANÇA, Vera R. et alii. Op. cit.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BELTRAN, Luis Ramiro. **Premissas, objetos e métodos da pesquisa sobre a comunicação na América Latina.** Caracas: 1976. (mimeogr.)
2. CASASUS, Josep M. **Ideologia y análisis de médios de comunicación.** Barcelona: Dopesa, 1972.
3. CIESPAL. **La evolución de la comunicación en America Latina.** Caracas, 1978. (mimeogr.)
4. COHN, Gabriel. **Sociologia de comunicação: teoria e ideologia.** São Paulo: Pioneira, 1973.
5. COHN, Gabriel (Org.). **Theodor W. Adorno.** São Paulo: Ática, 1986.
6. COHN, Gabriel. (Org.). **Comunicação e indústria cultural.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.
7. FRANÇA, Vera R. et al. **As relações entre cultura e meios de comunicação de massa no universo da mineiridade.** Belo Horizonte: UFMG, 1989. (Relatório final de pesquisa. mimeogr.)
8. FREITAG, Bárbara. **A teoria crítica: ontem e hoje.** São Paulo: Brasiliense, 1986.
9. KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.
10. MARTIN-BARBERO, J. **Crisis en los estudios de comunicación y sentido de una reforma curricular.** Cali: Universidad del Valle, 1984. (mimeogr.)
11. MELO, José Marques de et al (Orgs.). **Ideologia e poder no ensino da Comunicação.** São Paulo: Cortez e Moraes/INTERCOM, 1979.
12. MELO, José Marques (Coord.). **Comunicação e classes subalternas.** São Paulo: Cortez, 1980.
13. McLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 1974.

14. OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Sobre o pensamento antropológico**. Rio de Janeiro/Brasília: Tempo Brasileiro/CNPq, 1985.
15. APSQUALI, A. **Sociologia e comunicação**. Petrópolis: Vozes, 1973.
16. PFROMM NETO, Samuel. **Comunicação de massa: natureza, modelos e imagens**. São Paulo: Pioneira, 1972.
17. ROSITI, Franco. **História y teoria de la cultura de masas**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1980.
18. SCHILLER, H. **O império norte-americano das comunicações**. Petrópolis: Vozes, 1976.
19. SCHRAMM, Wilbur (Org.). **Panorama da comunicação coletiva**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.
20. SPA, Miguel de M. **Teorias de la comunicación**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1981.
21. WERTHEIN, Jorge (Org.). **Meios de comunicação: realidade e mito**. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.
22. WILLIAMS, R. Cultural studies and communications. **The Times Higher Education Supplement**. 1973.
23. WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1987.